

A COLEÇÃO ADANDOZAN: AS REMINISCÊNCIAS DE UMA COLEÇÃO MUSEAL

THE ADANDOZAN COLLECTION: THE REMINISCENCES OF A MUSEUM COLLECTION

LAÍS PESSANHA SIMÃO*

SOARES, Mariza de Carvalho. **A Coleção Adandozan do Museu Nacional: Brasil-Daomé, 1818-2018**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2022.

Lançado em 2022 pela Mauad Editora, o livro *A Coleção Adandozan do Museu Nacional: Brasil – Daomé, 1818 – 2018*, de autoria de Mariza de Carvalho Soares, propõe-se a estudar uma coleção de peças que estavam sob proteção do Museu Nacional brasileiro, doravante referenciado como MN. Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense, a autora atuou como professora de História da África, diáspora africana e escravidão da Universidade Federal Fluminense, sendo uma das lideranças no campo de Estudos Africanos no Brasil e autora do *Devotos da cor*¹, livro que discute a fundação de uma irmandade mina no Rio de Janeiro setecentista, e da análise do manuscrito da mesma congregação².

Atualmente bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq, Mariza Soares atuou entre os anos de 2011 e 2018 como curadora da coleção etnográfica de objetos africanos presentes no setor de Etnologia e Etnografia do Departamento de Antropologia do MN. A partir dessa atuação, a autora foi capaz de realizar trabalhos diversos, como a criação da nova Sala África do MN, a exposição “Kumbukumbu: África, memória e patrimônio” e as exposições da coleção fora do Museu, experiências retratadas em seu artigo “A descolonização das coleções coloniais: relato de uma experiência de curadoria com a Coleção Africana do Museu Nacional”, em que discute a necessidade da reincorporação dos objetos da

* Mestranda em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania pela Universidade Federal de Viçosa. (laispsimao@gmail.com).

¹ SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotos da cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

² SOARES, Mariza de Carvalho. *Diálogos Makii de Francisco Alves de Souza: Manuscrito de uma congregação católica de africanos Mina, 1786*. São Paulo: Chão Editora, 2019.

coleção aos seus contextos de criação, numa atitude contrária à de sua coleta ou espoliação, e relaciona à violência da descontextualização desses objetos e sua forçada saída de sua região de origem com o processo de tráfico de escravizados e com a diáspora africana, além de nos mostrar e explicar a importância da escolha dos aspectos da construção de exposições – inclusive os físicos, como disposição e iluminação – e como eles podem interferir negativa ou positivamente na experiência do visitante.

O livro *A Coleção Adandozan do Museu Nacional* também é o resultado do trabalho de curadoria da Mariza Soares no Museu. Com a utilização da carta do rei Adandozan, de Daomé, para Dom João, príncipe de Portugal, em 1810, de maneira inédita, em que descrevia os presentes que lhe enviava, Soares iniciou o processo de localização dessas peças no acervo do Museu; peças que viriam a constituir a Coleção Adandozan, relacionando essas fontes – a carta e os objetos do MN – de forma a realizar um estudo de seus significados. Seu trabalho de curadoria no Museu se inicia menos de uma década após a instituição da obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira no Ensino Básico, através da Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Essa lei representa um marco não só no Ensino Básico, mas também no Ensino Superior, mais especificamente nos cursos de História, que passaram a sentir maior necessidade em incluir a cadeira de História da África em seus currículos.

Nesse contexto é possível ver, para além do fortalecimento do pilar acadêmico do ensino, no que tange à temática de História da África, a ampliação das pesquisas desse mesmo campo. Nesse sentido, pesquisas como as empreendidas por Mariza Soares contribuem diretamente para o ensino de História da África e da Cultura Afro-Brasileira, ao passo que nos auxiliam a preencher lacunas e dissipar imprecisões sobre esse campo da História, bem como mostrar as possibilidades de ensino e pesquisa a partir de vestígios materiais da cultura e de acervos museológicos, como feito nas exposições Kumbukumbu, dentro e fora do MN.

Os itens sob a guarda do MN foram doados, como presente, pelo rei Adandozan para Dom João VI, em 1810, atitude comum à diplomacia existente à época. Infelizmente, a autora não localizou todos os itens citados por Adandozan em sua carta. A obra investiga desde a escolha individual desses objetos por Adandozan até a formação Coleção Adandozan do MN, ou seja, a reunião desses itens como um conjunto museológico, bem com os indícios que poderiam trazer sobre a sociedade de daomeana.

O livro apresenta um estudo interdisciplinar entre História, Museologia e Antropologia, recorrendo a profissionais, metodologias e discussões desses diferentes campos

para a identificação e análise das peças da Coleção. A autora também utiliza amplamente relatos e diários de viagens, nos quais encontra informações reunidas através de observações diretas feitas pelos autores, tanto no caso de viajantes no Daomé quanto no Brasil, à época em que as peças já estavam expostas, buscando entender não só suas origens, mas como elas foram vistas e mobilizadas ao longo do tempo.

Na introdução, a autora disserta sobre o Daomé e Adandozan, indicando discussões e divergências em torno da imagem deste e a dificuldade de se obter algumas informações sobre ele e sobre seu reinado, causada pelo “apagamento” da história daomeana que inicia no reinado de Guezo. A autora considera importante conhecer a história de Adandozan para compreender o conjunto dos presentes, já que estes foram escolhidos e reunidos por ele.

No primeiro capítulo, “As galanterias de dadá Adandozan”, a autora apresenta, a partir da análise da correspondência trocada, as relações diplomáticas entre o Daomé e Portugal, que inicia antes do reinado de Adandozan, e como a troca de presentes fazia parte dessas relações e indicavam também relações de poder. Aqui também a autora fala sobre os mecanismos de tentativa de manutenção do tráfico de escravizados, que a ambos interessava, algo que também fica claro nessas relações diplomáticas e na troca de cartas. Os estudos e argumentos presentes nesse capítulo podem ser parcialmente conhecidos no artigo da autora intitulado “Entre irmãos: as ‘galanterias’ do rei Adandozan do Daomé ao príncipe d. João de Portugal, 1810”, publicado em 2014.

No segundo capítulo, “A construção da Coleção Adandozan do Museu Nacional”, inicia-se a análise das peças, capítulo em que a autora narra o processo de identificação das peças enviadas por Adandozan que compõem a coleção a partir da carta. Nesse capítulo, Soares apresenta o que se sabe do percurso desse conjunto desde sua saída do Daomé para a Bahia e sua reunião na Coleção do Museu, que demonstra seu adequado armazenamento durante os séculos, apesar de eventuais separações que dificultaram, e em alguns casos impossibilitaram, a identificação de peças.

Ainda no segundo capítulo, podemos perceber mais claramente a intenção de descolonizar essas peças, uma vez que a autora as trata como objetos com “vida social”, buscando não só contextualizá-las no seu momento de fabricação ou reunião, mas também investigar e analisar suas trajetórias e os significados durante todo esse período. Nesse sentido, a autora concebe a coleção do museu e o conjunto de presentes como coisas

diferentes, tendo em vista que de um momento a outro sofreram alterações em suas significações.

Nos capítulos seguintes, a autora se dedica à análise de peças em particular, como o do Zinkpo, ou trono real, da bandeira de guerra, do *pano de dados* – como foi referenciado pelo próprio Adandozan –, as peças de artesanato em couro proveniente dos Malês de Abomé e a bolsa de tabaco utilizada em cultos dos tohosu. Nessa pesquisa, as peças da coleção Adandozan são, não somente os objetos de estudo e investigação, mas, também, fontes da pesquisa, dada a possibilidade de extração de informações a partir da análise desses objetos. O estudo das peças corroborou numa maior compreensão tanto sobre elas, seu contexto de fabricação, circulação e obtenção, como da história do Daomé, através de seu patrimônio material e dos circuitos comerciais em que se inseriam.

Quando se discute sobre peças da cultura material africana – ou de outros pontos do globo que foram alvo de processos de colonização, invasão, exploração e expropriação, como de países na América, Oceania e Ásia – que estão sob guarda de museus fora do seu local de origem é comum se questionar sobre as possibilidades de restituição dessas peças aos seus países. Durante os últimos anos, o debate sobre a restituição de bens culturais, artísticos e simbólicos tem se popularizado não apenas nos meios acadêmicos como também nos veículos de mídia. Com essa ampliação do debate sobre a restituição patrimonial, expande-se a compreensão do papel central da “exploração simbólica e econômica”, identificável através dos saques e pilhagens sofridos pelos povos colonizados na construção dos museus ocidentais, sobretudo os europeus.³

O termo “restituir” significa devolver um bem a seu legítimo proprietário.⁴ Nesse sentido, as discussões sobre restituição patrimonial se relacionam aos processos de violência e expropriação da cultura material dos países oprimidos. A partir desse entendimento, Mariza Soares argumenta que, no caso da Coleção Adandozan do MN, o processo de restituição das peças para o atual Benim não é necessário, tendo em vista que essas peças chegaram ao Brasil por meio de doação do rei Adandozan, ou seja, o seu meio de obtenção foi legítimo.

³ MENZES, Paula Santos; ÁLVAREZ Estefania Pinól. A descolonização dos museus e a restituição das obras de arte africanas: o debate atual na França, *CSOline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, Juiz de Fora, n. 29, 2019, p. 175.

⁴ SARR, Felwine; SAVOY, Bénédicte. *Restituer le Patrimoine Africain*. Paris: Philippe Rey/Seuil, 2018, p. 46.

A obra de Soares traz grandes contribuições para as discussões sobre a história de Daomé, sobretudo sobre o reinado de Adandozan e sobre sua complexa e intrigante figura. A autora questiona a representação de seu reinado através de uma violência constante, de modo a transparecer que essa forma de exercício de poder era exclusiva de seu governo, e não um modo frequente de governar aquela região, tanto antes como depois de seu reinado.

Através das análises realizadas durante a pesquisa da autora, o livro insere o Daomé nos outros circuitos comerciais, os do Atlântico e do Sahel, para além do de pessoas escravizadas, relação comercial que mantinha fortemente com Portugal, apontando a existência de artesãos que produziam para o abastecimento desses outros circuitos. Soares indica a participação de Daomé em conexões comerciais de tecidos e outros materiais com localidades vizinhas; materiais estes que são encontrados nas peças da Coleção Adandozan que foram enviadas como presentes pelo mesmo rei, combatendo a ideia de que as relações comerciais de Daomé se restringiam ao de tráfico de pessoas com europeus e brasileiros.

Com seu livro, Mariza Soares lança novas perspectivas de pesquisa, uma vez que as peças analisadas podem ser foco de investigações mais exclusivas, bem como as demais peças que a autora cita, mas não analisa de forma individual. A autora, inclusive, sugere que gostaria de se aprofundar em determinados pontos que apresenta ao longo de suas análises, mas que isso não foi possível devido ao incêndio do MN em 2018 e a destruição quase completa da Coleção Adandozan. Desse modo, o livro de Soares se apresenta como uma obra de suma importância, dado que é um meio de conhecer e estudar essa importante Coleção que já não existe no seu original, além de abrir novos horizontes a respeito das pesquisas sobre peças e coleções de museus, bem como para o estudo e pesquisa sobre o próprio Daomé, agora com uma nova visão sobre parte de sua história.